

## DEFENSIVOS AGRÍCOLAS: situação do mercado<sup>1</sup>

Célia Regina R. P. T. Ferreira<sup>2</sup>

As vendas totais de defensivos agrícolas no Brasil, em 1999, totalizaram US\$2.329 milhões contra US\$2.558 milhões no ano anterior, o que representa decréscimo de 8,9% no faturamento do setor, de acordo com o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (SINDAG). Em termos de quantidade física foram vendidas 288,1 mil toneladas de produto comercial (retração de 6,1%) e 127,6 mil toneladas de princípio ativo (praticamente no mesmo nível do ano anterior) (Tabelas 1 e 2). Esse desempenho comercial em 1999 pode ser explicado, principalmente, pela menor utilização de defensivos em várias culturas como cana-de-açúcar, citros, soja, fumo, batata, arroz irrigado, feijão e tomate. Esses resultados decorrem de diversos fatores, tais como: a) substancial aumento nos preços pagos pelos agricultores por esses insumos, diante da desvalorização cambial, dada a forte dependência do setor de importação dos ingredientes ativos; b) declínio dos preços das principais *commodities*; c) a dificuldade das indústrias em relação à oferta de crédito; d) o fator climático, que afetou fortemente algumas regiões brasileiras (exemplo o Estado do Rio Grande do Sul castigado pela seca); e e) o clima frio e seco reduziu a evolução de doenças nos cultivos da batata e do tomate, com alta utilização de defensivos, principalmente de fungicidas, e, conseqüentemente, diminuiu o uso de defensivos, favorecendo portanto os agricultores.

Todos os segmentos do setor apresentaram resultados econômicos negativos em 1999 para a indústria, quando comparados com os do ano anterior, com exceção dos inseticidas. Os herbicidas responderam em 1999 por 50,5% das vendas totais, com faturamento de US\$1.175,9 decrescendo 14,1% quando comparado com 1998, em função da menor quantidade

demandada em várias culturas, tais como, cana-de-açúcar, soja, feijão e arroz irrigado. O fraco desempenho das vendas de herbicidas para a cultura da cana-de-açúcar (queda de 26,9% na quantidade de produto comercial vendida em relação a 1998) é reflexo da descapitalização do setor e do maior emprego da mecanização na lavoura.

O valor das vendas de fungicidas teve decréscimo de 3,2%, caindo de US\$436,2 milhões em 1998 para US\$422,5 milhões em 1999, devido ao menor uso desse insumo, especialmente em amendoim, batata, feijão, café e fruticultura em geral. Em contrapartida, registrou-se aumento para algodão, arroz de sequeiro e irrigado e soja.

As vendas de inseticidas, que representaram 25,6% do valor total, acusaram aumento de 2,5% (US\$596,0 milhões em 1999 em relação a US\$581,7 milhões em 1998), apesar do menor volume comercializado no período (79.398 toneladas em 1998 e 68.158 em 1999).

A comercialização de acaricidas movimentou US\$78,7 milhões em 1999, valor 25,5% inferior, em termos nominais, ao registrado no mesmo período de 1998 (US\$105,6 milhões), embora em quantidade de produto comercial tenha crescido 21,0%. No segmento "outros", que engloba antibrotantes, reguladores de crescimento, espalhantes adesivos e óleo mineral, registrou-se retração de 14,8% nas vendas (US\$55,9 milhões em 1999 em relação a US\$65,6 milhões em 1998), em função, mormente, do decréscimo nas vendas para as culturas de soja, cana-de-açúcar e fumo. Contudo, a participação desse segmento nas vendas do setor é pequena, respondendo em 1999 por apenas 2,4% do total.

Constata-se uma concentração do valor das vendas totais de defensivos em um conjunto pequeno de culturas. Em 1999, observou-se que cerca de 70,2% das vendas agruparam-se em seis culturas: soja (34,5%), algodão (8,2%), café (8,0%), milho (7,9%),

<sup>1</sup>O autor agradece a colaboração do estagiário da FUN-DAP, Fabricio Pastre, na elaboração das tabelas.

<sup>2</sup>Engenheiro Agrônomo, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Vendas de Defensivos Agrícolas, em Valor, por Destinação e por Classe, Brasil, 1997-99  
(em US\$1.000)

Destinação	Acaricidas			Fungicidas			Inseticidas		
	1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999
Algodão	709	1.332	1.111	8	312	4.971	60.073	97.293	131.672
Amendoim	-	-	-	3.377	2.014	1.677	1.764	1.252	1.656
Arroz de sequeiro	-	-	10	2.025	4.107	6.475	225	1.026	1.493
Arroz irrigado	-	-	-	3.338	6.347	7.575	2.809	4.174	2.791
Batata-inglesa	1	39	56	48.125	55.925	42.123	24.147	32.315	26.548
Café	226	220	431	76.128	90.403	83.850	47.585	54.348	56.245
Cana-de-açúcar	-	-	-	-	-	-	18.318	19.944	17.800
Citros	80.974	95.031	69.319	13.648	18.809	16.414	18.501	26.994	23.171
Feijão	54	323	401	25.249	37.299	34.231	14.061	25.449	27.624
Fumo	-	-	-	1.357	1.442	780	21.715	27.832	19.947
Milho	-	-	-	634	1.541	918	25.676	36.709	37.672
Soja	-	-	7	14.155	31.926	50.267	97.092	105.803	103.957
Tomate	508	1.937	1.370	29.380	35.554	31.280	20.452	26.597	25.479
Trigo	-	-	-	36.362	41.657	39.592	3.649	4.210	3.450
Fruticultura <sup>1</sup>	2.164	4.033	4.199	32.369	32.701	27.949	7.079	7.279	7.738
Hortaliças	915	1.036	695	32.098	28.702	33.157	16.799	20.306	19.757
Trat. de sementes	-	-	-	29.012	37.053	31.791	30.267	44.297	54.201
Outras <sup>2</sup>	1.163	1.668	1.127	9.039	10.443	9.426	54.584	45.865	34.850
<b>Total</b>	<b>86.714</b>	<b>105.619</b>	<b>78.726</b>	<b>356.304</b>	<b>436.235</b>	<b>422.476</b>	<b>464.796</b>	<b>581.693</b>	<b>596.051</b>

  

Destinação	Herbicidas			Outros <sup>3</sup>			Total		
	1997	1998	1999	1997	1998	1999	1997	1998	1999
Algodão	24.375	32.707	44.287	5.219	4.410	9.066	90.384	136.054	191.107
Amendoim	820	1.030	247	-	1	7	5.961	4.297	3.587
Arroz de sequeiro	2.722	9.282	11.950	-	36	117	4.972	14.451	20.045
Arroz irrigado	73.915	70.476	63.248	444	798	1.114	80.506	81.795	74.728
Batata-inglesa	3.573	4.285	2.664	248	308	277	76.094	92.872	71.668
Café	31.778	42.933	44.616	444	749	585	156.161	188.653	185.727
Cana-de-açúcar	207.280	173.253	116.775	15.819	16.872	7.519	241.417	210.069	142.094
Citros	22.466	21.857	18.839	1.735	414	845	137.324	163.105	128.588
Feijão	24.949	41.191	31.642	791	788	823	65.104	105.050	94.721
Fumo	2.651	3.253	2.510	11.690	11.661	9.510	37.413	44.188	32.747
Milho	138.515	145.093	145.011	1.346	1.692	1.519	166.171	185.035	185.120
Soja	601.960	727.760	631.993	13.395	20.309	17.637	726.602	885.798	803.861
Tomate	995	1.255	495	210	295	333	51.545	65.638	58.957
Trigo	23.296	19.263	12.857	304	346	313	63.611	65.476	56.212
Fruticultura <sup>1</sup>	4.133	7.591	3.131	3.573	4.612	4.106	49.318	56.216	47.123
Hortaliças	7.539	7.152	4.780	751	787	694	58.102	57.983	59.083
Trat. de sementes	-	-	-	-	-	4	59.279	81.350	85.996
Outras <sup>2</sup>	43.851	60.342	40.888	2.190	1.501	1.412	110.827	119.819	87.703
<b>Total</b>	<b>1.214.818</b>	<b>1.368.723</b>	<b>1.175.933</b>	<b>58.159</b>	<b>65.579</b>	<b>55.881</b>	<b>2.180.791</b>	<b>2.557.849</b>	<b>2.329.067</b>

<sup>1</sup>Inclui uva, maçã, melão e banana.

<sup>2</sup>Alho, cacau, cebola, áreas não cultivadas, combate às formigas, grãos armazenados, reflorestamento e outras.

<sup>3</sup>Englobam antibrotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhantes adesivos.

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (SINDAG).

TABELA 2 - Vendas de Defensivos Agrícolas, em Quantidade, por Classe, Brasil, 1997-99  
(em t)

Classe	Produto comercial			Ingrediente ativo		
	1997	1998	1999	1997	1998	1999
Inseticidas	64.420	79.398	68.158	16.218	20.390	19.231
Acaricidas	14.014	11.280	13.655	9.835	7.612	9.676
Fungicidas	40.133	47.154	46.826	17.369	19.993	20.168
Herbicidas	132.574	151.095	142.855	61.885	69.177	68.131
Outros <sup>1</sup>	14.099	17.875	16.581	8.626	11.540	10.379
<b>Total</b>	<b>265.240</b>	<b>306.802</b>	<b>288.075</b>	<b>113.933</b>	<b>128.712</b>	<b>127.585</b>

<sup>1</sup>Englobam antibrotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhantes adesivos.

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (SINDAG).

cana-de-açúcar (6,1%) e citros (5,5%). Considerando-se as vendas para tratamento de sementes de soja, algodão e milho, a participação desse conjunto de culturas passa 72,7% do valor total comercializado.

Observa-se que no triênio 1997-99, a cultura do algodão apresenta melhora nas condições de mercado no período, aumentando a sua participação (de 4,1% para 8,2%) em termos de valor de vendas, em função principalmente do maior uso de inseticidas, enquanto a da cana-de-açúcar decresce (de 11,1% para 6,1%), com a forte retração da comercialização de herbicidas.

A concentração do faturamento de vendas é maior quando são consideradas as vendas por classe, como no caso dos acaricidas que, em 1999, quase a totalidade (88,1%) do valor das vendas foi realizada para a citricultura. Na classe dos herbicidas, a cultura da soja respondeu, nesse ano, por 53,7% das vendas, destacando-se também as participações do milho (12,3%) e da cana-de-açúcar (9,9%) e, respondendo, portanto somente essas três culturas por 75,9% das vendas.

As vendas de produtos da classe "outros" também se concentram em poucas culturas; em 1999, 78,3% das aquisições, em termos de valor, distribuíram-se entre soja (31,6%), fumo (17,0%), algodão (16,2%) e cana-de-açúcar (13,5%).

No caso dos inseticidas, as vendas no Brasil são menos concentradas em relação às classe acima mencionadas. Em 1999, as vendas se destinaram principalmente para o algodão (22,1%), seguido da soja (17,4%), café (9,4%), tratamento de sementes (9,1%), milho (6,3%), feijão (4,6%) e batata-inglesa (4,5%).

A classe dos fungicidas é a que apresenta maior diversificação em termos de valor, constatando-se em 1999 as maiores participações para o café (19,8%), soja (11,9%), batata-inglesa (10,0%), trigo (9,4%), feijão (8,1%), horticultura (7,8%), tratamento de sementes (7,5%), tomate (7,4%) e fruticultura em geral (6,6%).

No caso de tratamento de sementes, a cultura do milho é a que vem apresentando nos últimos anos maiores gastos na compra de inseticidas (US\$28,1 milhões em 1999), e, em menor proporção, arroz, algodão, feijão e trigo. Por outro lado, quando se consideram os fun-

gicidas destacam-se as aquisições para a soja (US\$20,1 milhões em 1999), seguidas do trigo, arroz, milho, algodão e feijão.

No exame do comportamento das vendas, em termos de valor, por Unidade da Federação, verifica-se que o Estado de São Paulo, em 1999, ocupou a primeira posição (22,2%), seguindo-se Paraná (15,8%), Rio Grande do Sul (11,9%), Mato Grosso (11,3%), Minas Gerais (10,6%), Goiás (8,1%) e Mato Grosso do Sul (5,7%); as demais unidades, juntas, responderam por 14,4%.

Na análise de preços médios dos dezoito defensivos agrícolas pagos pelos agricultores na cidade de São Paulo, entre julho de 1999 e julho de 2000, levantados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), observou-se que doze sofreram aumentos em termos correntes entre 1,0% e 11,4% e sete, decréscimos entre 0,9% e 11,6%. Por outro lado, todos os produtos, com exceção de um, apresentaram decréscimo nos preços reais (11,5%, em média).

O setor de defensivos agrícolas iniciou o ano de 2000 com o mercado em reação. As vendas totais de defensivos agrícolas no Brasil, no período de janeiro a julho de 2000, somaram US\$838,6 milhões contra US\$799,1 milhões no mesmo período de 1999, ou seja, incremento de 4,9% no faturamento do setor, segundo o SINDAG, em função, principalmente, dos seguintes fatores: aumento das aquisições para a cultura da soja, registrando-se antecipação das compras para a safra de 2000/2001; aplicação de herbicidas e inseticidas no milho safrinha; maior tecnificação da cultura do algodão e expectativa de aumento de área plantada; os bons preços do milho; e maior utilização de defensivos na cultura da cana-de-açúcar. Contudo, quando comparado com igual período de 1998, constata-se queda de 18,6% (Tabela 3).

Na análise das várias classes, observa-se que, com exceção dos acaricidas e fungicidas, os demais apresentaram resultados econômicos positivos para a indústria, nos primeiros sete meses de 2000 em relação aos do mesmo período do ano anterior. Os herbicidas responderam pelo maior valor de vendas (42,9% do total), sendo que o faturamento aumentou 12,6% (US\$359,6 milhões no período de janeiro a julho de 2000 contra US\$319,4 milhões no mesmo período de 1999), destinadas principal-

mente pa-  
TABELA 3 - Vendas de Defensivos Agrícolas, em Valor, por Classe, Brasil, Janeiro a Julho de 1998 e Janeiro a Julho de 2000

(em US\$1.000)

Classe	Jan.-jul./98 <sup>1</sup> (a)	Jan.-jul./99 <sup>1</sup> (b)	Jan.-jul./00 (c)	Variação (%)	
				(c)/(b)	(c)/(a)
Inseticidas	248.354	220.865	248.250	12,4	0,0
Acaricidas	52.865	40.262	32.809	-18,5	-37,9
Fungicidas	202.889	190.967	163.054	-14,6	-19,6
Herbicidas	488.459	319.360	359.577	12,6	-26,4
Outros <sup>2</sup>	38.247	27.627	34.881	26,3	-8,8
<b>Total</b>	<b>1.030.814</b>	<b>799.081</b>	<b>838.571</b>	<b>4,9</b>	<b>-18,6</b>

<sup>1</sup>Dados revistos pela fonte.

<sup>2</sup>Englobam antibrotantes, reguladores de crescimento, óleo mineral e espalhantes adesivos.

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Agrícola (SINDAG).

ra soja e cana-de-açúcar (em função da recuperação dos mercados de açúcar e álcool).

Os inseticidas, que ocupam o segundo lugar das vendas, representaram 29,6% do total e faturamento de US\$248,2 milhões, com acréscimo no valor comercializado de 12,4%, cujas vendas foram direcionadas sobretudo para as culturas de algodão e soja.

No caso dos fungicidas, apresentaram retração no faturamento (14,6%) de US\$191,0 milhões para US\$163,0 milhões, no citado período, em função das condições climáticas de várias regiões (seca e geada), com diminuição nas vendas para as culturas de café, batata, tomate, feijão e horticultura.

A comercialização de acaricidas mostrou queda (18,5%), no referido período, movimentando US\$32,8 milhões nos primeiros sete meses de 2000, tendo em vista especialmente

os baixos preços recebidos pelos produtores de laranja, como consequência da retração nas exportações, estoques altos de produção, excesso de oferta e dificuldades de escoamento no mercado interno.

O segmento "outros" registrou incremento de 26,3% nas vendas, porém, sua participação é pequena no mercado, respondendo apenas por 4,2% do total em 1999 (US\$34,9 milhões).

A previsão de vendas do setor de defensivos para 2000 é de aumento do faturamento em torno de 5% em relação ao ano anterior, considerando os bons preços do milho e do algodão, maior capitalização dos produtores de cana-de-açúcar, as antecipações de compras observadas para a cultura da soja, aumento de disponibilidade do crédito rural e maior agressividade no crédito privado.